

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



## DESAFIOS DO PRESENTE À HISTÓRIA DIGITAL

Daniela Alves da Silva  
UFCAT- PPGH MP  
aalves.dani@gmail.com

Dra. Lilian Marta Grisolio  
UFCAT- PPGH MP  
limarta@gmail.com

**GT 4:** Pós-Graduação e Pesquisa em Tempos de Inteligência Artificial.

### INTRODUÇÃO

A emergência da cultura digital e a crescente centralidade das tecnologias informacionais no cotidiano social impuseram ao campo historiográfico uma série de desafios que afetam diretamente o ofício do historiador. Essa reconfiguração, comumente denominada “virada digital”, desloca a História de um lugar exclusivamente acadêmico para um ambiente expandido, atravessado por novas lógicas de produção, circulação e recepção do conhecimento histórico (Prado, 2021).

Como destaca Giliard Prado (2021), as tecnologias digitais provocaram transformações radicais na prática historiográfica, não apenas ao impactarem as formas de pesquisa e comunicação, mas também ao reconfigurarem o espaço público no qual o conhecimento histórico é produzido e consumido. Esta noção do digital como um elemento global lança aos historiadores e historiadoras um novo desafio analítico. Isto é, repensar os limites da possibilidade de escrita da história para além de uma perspectiva nacionalista na qual a própria História como disciplina se constituiu e ao mesmo tempo refletir sobre como estes elementos constituem um fluxo mais amplo com diferentes personagens e interesses que são mediados a partir de muitas informações.

Realização:



Apoio:





Nesse contexto, a função social do historiador passa a incluir não apenas a produção de conhecimento, mas também a mediação de narrativas em um espaço comunicacional hiperconectado. Para Gallini e Noiret (2011), a natureza comunicativa da História é acentuada pelas plataformas digitais, exigindo do historiador competências que ultrapassam o domínio das fontes e do método. Como apontam, “o historiador será comunicador ou não será”, sendo necessário que ele participe da construção de linguagens acessíveis, hipertextuais e dialogadas.

## METODOLOGIA / DESENVOLVIMENTO

Uma das excepcionalidades desta modalidade de História é refletir sobre a sua relação entre a discursividade do texto e da escrita da história e a capacidade de comunicação que é exercida a partir da própria percepção sobre as regras que constroem o espaço digital. Ou seja, ao refletir sobre o digital, estamos pensando não só na expansão de atuação do campo de análise, tendo a cultura digital como um novo interesse de interpretação da constituição da vida humana mas também das múltiplas formas de se relacionar com este espaço.

Anita Lucchesi (2014) salienta que a escrita da história, em tempos digitais, não pode ser pensada sem considerar as técnicas que a viabilizam. Nesse sentido, o historiador é constantemente atravessado por sua própria temporalidade e pelas ferramentas que conformam seu olhar sobre o passado.

É necessário compreender, entretanto, que essa transformação não se resume à adoção de novas ferramentas ou à digitalização de práticas analógicas. A virada digital representa, antes de tudo, uma mudança de paradigma na forma como o tempo histórico é pensado, registrado e compartilhado. A consequência dessa virada é uma reconfiguração do papel do historiador enquanto sujeito cognoscente. Se, outrora, a autoridade historiográfica estava fortemente vinculada à posse e interpretação crítica de documentos físicos, hoje ela precisa ser reavaliada diante da ubiquidade dos dados e da multiplicidade de vozes e formas de mediação digital. Como apontam Gallini e Noiret (2011), a cultura



digital demanda novas formas de autoria, coautoria e curadoria, tensionando os limites tradicionais entre quem escreve e quem consome história. O historiador, nesse novo cenário, deixa de ser apenas um narrador autorizado e passa a atuar como um articulador de redes de memória e significados.

Diante dessas transformações, a história digital se fortalece como um esforço analítico capaz de lidar com as incertezas e os desafios de um presente profundamente enraizado no virtual, exigindo novas abordagens teóricas e metodológicas. Essa “maneira de escrever e pensar sobre a história” desenvolve epistemologias próprias e características disciplinares específicas, adaptando-se ao contexto digital com metodologias inovadoras e modelos interpretativos ajustados às novas formas de documentação e memória.

Ao mesmo tempo, a história digital não opera de forma isolada: ela integra o ecossistema mais amplo das humanidades digitais, contribuindo e se beneficiando de abordagens interdisciplinares que incorporam recursos computacionais e perspectivas colaborativas. Nesse sentido, a história digital emerge como um campo vital e em expansão, que não apenas enfrenta os desafios da era digital, mas também transforma as formas pelas quais compreendemos e nos relacionamos com o passado no presente.

A centralidade das plataformas digitais nesse novo ecossistema de produção de conhecimento impõe desafios adicionais. Lucchesi (2014) destaca que a Web 2.0 e suas tecnologias derivadas provocaram “uma significativa distensão das noções de tempo e espaço” (2014, p.3), elementos basilares da análise histórica. Em sua leitura, o historiador que atua nesse ambiente precisa considerar que os registros digitais não apenas documentam eventos, mas os moldam ativamente, sendo também produtos de processos técnicos e culturais complexos.

A interatividade e a hipertextualidade, características marcantes das mídias digitais, rompem com a leitura sequencial e autorizada. Em seu lugar, surgem percursos múltiplos, abertos e colaborativos de leitura, nos quais o leitor assume papel ativo na construção do sentido. Conforme Lucchesi (2014), a cultura digital inaugura “novas formas de escrever e ler”, alterando profundamente a relação do sujeito com o

conhecimento histórico. Essa mudança não é apenas técnica, mas epistemológica, pois redefine o próprio gesto de interpretar o passado, deslocando o foco da autoridade individual para uma inteligência distribuída.

A redefinição da autoria também está relacionada à dissolução de fronteiras entre os campos acadêmico e não acadêmico. Projetos de história digital pública, como aqueles descritos por Kosteczka (2021), mobilizam saberes diversos e dialogam com públicos plurais, o que tensiona os critérios tradicionais de legitimidade historiográfica.

Isto significa dizer que a cultura digital lançou ainda um novo desafio à historiografia especializada. A compreensão de que o conteúdo antes destinado ao público historiador estaria agora sendo mobilizado a partir de novas estratégias políticas a partir de diferentes plataformas pelos múltiplos atores sociais que constituem também a realidade histórica.

Contudo, essas transformações não podem ser compreendidas de modo desvinculado das estruturas econômicas, técnicas e políticas que sustentam as plataformas digitais. A maneira como se escreve e se lê história na contemporaneidade está diretamente relacionada aos regimes de dados que governam a produção e o acesso à informação. Por trás das inovações narrativas e dos ambientes colaborativos, há também lógicas de controle, extração e vigilância que moldam o campo de possibilidades da história digital. É nesse ponto que se insere a discussão sobre o colonialismo de dados, conceito que permite problematizar os condicionamentos estruturais impostos pelas big techs ao trabalho historiográfico no ambiente digital.

Para além da crítica à dependência tecnológica, é necessário observar os impactos geopolíticos desse novo regime de dados. A assimetria entre o acesso e o controle das infraestruturas digitais aprofunda desigualdades históricas entre o Norte e o Sul globais. Como aponta Gallini (2011), enquanto os países centrais concentram o poder computacional, o domínio técnico e os centros de armazenamento de dados, os países periféricos figuram como consumidores e fontes de dados, sem poder efetivo sobre sua gestão e interpretação. Isso implica que o historiador do Sul global atua em um ambiente



em que suas próprias narrativas podem ser coletadas, reorganizadas e redistribuídas sob a mediação de estruturas tecnológicas estrangeiras, reforçando relações de subalternização informacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, continuemos a refletir sobre como o ambiente digital amplia a possibilidade de acesso à informação ao mesmo tempo em que fragiliza os critérios tradicionais de validação do conhecimento histórico. O que se espalha mais rapidamente nem sempre é o mais fundamentado, mas o que provoca maior reação emocional ou reforça crenças prévias, destacando a importância de uma ação crítica do historiador frente ao caos informacional das redes (Venancio, 2021). Nesse sentido, a história digital não pode se limitar à curadoria técnica: ela deve assumir uma função pedagógica, esclarecendo, contextualizando e desmentindo usos indevidos da história.

## REFERÊNCIAS

- GALLINI, Stefania; NOIRET, Serge. La historia digital en la era del Web 2.0. Introducción al dossier Historia digital. **Historia crítica**, n. 43, p. 16-37, 2011.
- KOSTECZKA, Luiz Alexandre Pinheiro. História digital na era das Big Tech. **Revista Aedos**, v. 12, n. 27, p. 641-669, 2021.
- LUCCHESI, Anita. História Pública Digital:: dois pitacos sobre outras histórias possíveis na Era Digital. **Boletim do Tempo Presente**, v. 11, n. 03, p. 36-43, 2022.
- PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0201, set./dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0201>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- VENANCIO, Renato. Digitalização & destruição: documento de arquivo, verdade histórica e fake news. In: **Fábio Franzini; Luís Filipe Silvério Lima.(Orgs.). Olhar o abismo: visões sobre o passado e o presente do Brasil atual.** Vitória: Milfontes, 2021.